



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

Peregrinos ilustres

A grande peregrinação nacional de Maio ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, na Cova da Iria, foi uma das maiores manifestações de fé e piedade que se têm realizado no nosso país e a mais concorrida de todas as peregrinações àquele Santuário desde que começou a guerra, terminada mer-

A GRANDE Peregrinação de Maio

cê de Deus, no Ocidente poucos dias antes.

O recinto sagrado das aparições tornou-se mais uma vez imenso campo de concentração de almas que foram agradecer a Deus e à Virgem Santíssima, gloriosa Padroeira da Nação, o fim do terrível conflito armado e a paz que nunca deixou de bafejar a nossa pátria enquanto ele durou.

A Fátima é um altar colossal para onde voam os pensamentos dos fiéis do mundo inteiro e de várias línguas. Nessa hora de fé e gratidão, católicos de todos os recantos de Portugal, muitos de Espanha e alguns doutros países, sobem à montanha privilegiada do Céu para orarem.

Dos venerandos Prelados que fizeram os exercícios espirituais na Casa dos Retiros de 2 a 9 ficaram para assistir à magnífica jornada de fé e piedade os Senhores D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Arcebispo de Évora; D. Teo-

dósio Clemente de Gouveia, Arcebispo de Lourenço Marques; D. Ernesto Sena de Oliveira, Arcebispo-Bispo de Lamego; D. José Alvaro Correia da Silva, Bispo de Leiria; D. José do Patrocínio Dias, Bispo de Beja; D. Marcelino António Maria Franco, Bispo do Algarve; D. José da Cruz Moreira Pinto, Bispo de Viseu, e D. Manuel Maria Ferreira da Silva, Bispo Titular de Gurza.

Assistiu igualmente o Senhor Bispo de Tuy, Espanha, D. Frei José Lopez Ortiz, que presidia a uma peregrinação de fiéis da sua diocese de todas as idades e classes sociais em número de 70 que ocupavam duas camionetas e que, na sua viagem de regresso à Galiza, visitaram Lisboa, Coimbra, Pôrto e outras cidades do nosso país.

Estiveram também presentes, entre muitas outras personalidades de destaque, os srs. Tenente Coronel Botelho Moniz, Ministro do Interior; Dr. Frederico Ulrich,

Sub-Secretário das Obras Públicas; Dr. Castro Fernandes, Sub-Secretário das Corporações; Eng. Homem de Melo, Sub-Secretário da Agricultura; Dr. Trigo de Negreiros, Sub-Secretário da Assistência; General Peixoto e Cunha, Administrador Geral do Exército; General Barros Rodrigues, Chefe do Estado Maior do Exército; Comandante da III Região Militar, General Joaquim Lourenço Neto; Júlio Cayola, Agente Geral das Colónias; Governadores Civis de Leiria, Santarém e Setúbal e D. José Erico, Cônsul Geral de Espanha no Pôrto.

A Grande Vigília

No dia 12, à noite, o vasto recinto das aparições era como um mar.

Nas imediações do recinto sagrado, vêem-se milhares de automóveis, camionetas e outros meios de transporte. O serviço de ordem e

(Continua na 1.ª página)

ACÇÃO CATÓLICA Harmonia de conjunto

Por toda a parte se entoam hinos à fraternidade humana. Mas sabe-se o que é tal fraternidade, quando da esfera das especulações filosóficas se passa às duras realidades da Vida. A hora atormentada que passou — e essa hora durou anos — a hora atormentada que se vive ainda — e Deus sabe por quanto tempo — dispensa comentários, pois é iluminada pelas trágicas labaredas de devorador incêndio de povos e de nações. Em lugar da união das almas, só lutas bárbaras e ferozes, que são sempre fratricidas.

A fraternidade entre cristãos tem raízes mais fundas, pois todos eles sabem que foram regados por sangue redentor no alto do Calvário, que fazem parte do corpo místico de Cristo, que a família humana tem Deus por Senhor e Pai. Muitas vezes ao dia se reza a oração da comunidade universal: — Pai Nosso, que estais no céu...

Mas vive-se, de facto, essa comunidade divina? Corresponde sempre às palavras sentimentos profundos de forte dedicação, de amizade sobrenatural?

Os católicos, a dirigir a sua acção religiosa, têm, a experiência e as luzes da Igreja, que o Senhor misericordiosamente estabeleceu no mundo, para guiá-los no caminho de Deus.

Mas os católicos muitas vezes abandonam os preceitos e conselhos da Igreja para seguirem as normas que o seu orgulho ou as suas paixões desvairadamente traçam.

A Acção Católica, voz que providencialmente se ergueu no mundo, por instruções constantes e constante actividade não cessa de chamar à união. O seu lema é luminoso programa.

Viverem todos os associados, como os cristãos da idade apostólica, num só coração e numa só alma, e a sua força seria irresistível — força da fé e do amor, posta ao serviço do bem, que é luz, e não ao serviço do mal, que é destruição e treva.

Que se pretende, afinal? Chamar todos os homens à realização da sua vocação, e organizar as energias dispersas em grande exército de apostolado pacífico e dominador — que não são contraditórios os termos.

Na paz domina a verdade, como luz de Deus que serenamente inunda a terra inteira.

Mas não se correrá o perigo de reduzir todas as actividades a um tipo comum e uniforme, que mata inexoravelmente as iniciativas particulares, da pessoa ou do grupo?

Conforme se escreveu algures, a unidade, na justa observação do P. Plus, não significa a eliminação pura e simples das características pessoais.

Seria uma unidade de empobrecimento, pela aniquilação dos tesouros preciosos de cada um. Convém, pelo contrário, que todos ofereçam ao bem comum a riqueza do que é fecundo e original.

Os diversos elementos originais têm de contribuir para a riqueza do conjunto. Na imagem do mesmo escritor, cada homem e cada grupo devem dar a sua nota no concerto, a qual, não sendo necessariamente a nota do vizinho, tem de harmonizar-se com o canto de todos.

Há princípios que são necessários em toda a parte. Registamos os Estatutos e os Regulamentos gerais, que devem fielmente observar-se, na letra e no espírito. Dentro desses princípios, conservem-se as legítimas características particulares.

A unidade assim compreendida é sadio espírito universalista que, sem diminuir o esforço pessoal, mas também sem se fechar em vãos particularismos, penetra e domina os homens e os grupos, para realizar o apostolado comum da Acção Católica.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis



FATIMA — 10 de Maio — Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa procede à bênção das instalações onde hão-de ser fundidos os sinos do carrilhão do Santuário

Cruzados da Fátima O nosso Jornal

Já ia tão pertinho de meio milhão a tiragem mensal do jornal de Nossa Senhora da Fátima que tanto bem tem feito por o mundo fora e muito especialmente em Portugal. Em Espanha é tão apreciada a «Voz da Fátima» que até está em projecto fazer-se uma edição do jornal em espanhol e inglês, destinando-se à Espanha e à Améri-

ca. Tem a «Voz da Fátima» uma tiragem de 280.600 jornais actualmente; a descida foi bastante grande. Entretanto, é de esperar que vá subindo sempre. Fazemos propaganda da «Voz da Fátima».

Oxalá que haja muitos a seguirem o exemplo de certo sacerdote da Diocese do Pôrto, que escreve: «Pedi aos meus fregueses para assinarem a «Voz da Fátima» e pagarem na visita pascal. Todas as casas onde alguém sabe ler pagou o jornal e deve recebê-lo. São 152

casas que receberam o jornal; envio em vale do correio — 912\$00, importância já recebida. Escrevi um postal para me serem enviados 152 jornais. Dentro em breve irá a importância das cotas dos Cruzados.

Que Nossa Senhora da Fátima nos abençoe».

Sim, há-de abençoar o zelo desse sacerdote cujo exemplo aí fica para edificação e estímulo de muitos.

C. de A.

policamento está esplendidamente organizado.

Na Cova da Iria encontram-se acampadas alas da Mocidade Portuguesa de Coimbra, Figueira da Foz, Tôres Novas e Monchique (Algarve). Trouxeram os seus estandartes e prestaram a guarda de honra nas cerimónias religiosas dos dias 12 e 13.

A Acção Católica, quer masculina quer feminina, acha-se representada por numerosos núcleos de várias dioceses.

De Lisboa, Pôrto e Coimbra vieram grupos consideráveis de estudantes universitários. O grupo de Lisboa, que era acompanhado pelo rev.º D. João de Castro (Nova Goa) fez o percurso a pé, parte desde Lisboa, parte desde a estação de Chão-de-Maçãs.

Do Minho e Trás-os-Montes até aos confins do Algarve continuam a chegar peregrinos, uns a pé, outros nos mais variados meios de transporte.

Por sua vez, os combóios despejam milhares de peregrinos nas estações de Chão-de-Maçãs, Caxarias e Leiria e no apeadeiro de Ceissa.

Uma velhinha de 70 anos de idade, veio a pé de Nisa. Duas crianças de 12 a 13 anos, irmãs, fizeram igualmente a pé o percurso desde perto de Areosa (Viana do Castelo). Não se mostravam cansadas.

A procissão das velas

As 22 horas e meia, principia a recitação do terço do Rosário. Preside a essa devoção o rev.º Cônego Dr. Manuel Marques dos Santos, Reitor do Seminário de Leiria e Vigário Geral da Diocese. Concluído o piedoso acto, em que tomaram parte muitos milhares de fiéis, organizou-se a grandiosa e comovedora procissão das velas. Todo o recinto vibra com as preces e cânticos e, como que animado de profunda energia sobrenatural, estremece de fé e piedade. A Cova da Iria dir-se-ia convertida num lago de luz que se encrespa ao sôpro da brisa nocturna.

O Avê da Fátima mil vezes repetido em coral formidável, impressiona e comove profundamente as almas. E a monumental Basílica, inundada de luz, recorta no espaço escuro a silhueta gigantesca, parecendo tocar as estrelas com o remate da sua torre altíssima.

A voz da multidão é a voz de Portugal católico, impulsionada pela fé e pelo reconhecimento, a agradecer a paz em que viveu durante os seis anos da mais espantosa das guerras e a implorar a paz — uma paz justa, sólida e duradoura, inspirada pela caridade cristã — e as graças de Nossa Senhora da Fátima para a pátria e para todo o mundo.

E, entretanto, o imponente cortejo nocturno, depois de ter percorrido triunfalmente as avenidas do Santuário, sobe com lentidão a rampa que conduz ao limiar da escadaria da Basílica.

A adoração eucarística

A procissão das velas, seguiu-se a adoração do Santíssimo Sacramento solenemente exposto que se prolongou desde a meia-noite até às duas horas da madrugada.

Esta cerimónia efectuou-se em frente do altar improvisado junto do pórtico interior da Basílica. Reza-se o terço do Rosário em co-

A GRANDE

◊ Peregrinação de Maio ◊

(Continuação da 1.ª página)

mum. Nos intervalos das dezenas o Senhor Bispo de Viseu explica os mistérios gloriosos que se meditam. O venerando Prelado convida os peregrinos a implorar da misericórdia divina o aumento do espírito de fé e a graça da clarividência no meio das tempestades da vida para recebermos da mão de Deus a indicação do verdadeiro caminho a seguir.

Vários turnos de adoração se fizeram desde as 2 horas até às 6,30 em que foi dada a bênção do Santíssimo.

As primeiras Missas do dia

As 7 horas, o Senhor Bispo-Conde, de Coimbra, celebrou a Missa da comunhão geral. Algumas dezenas de sacerdotes ajudaram o venerando celebrante a distribuir o Pão dos Anjos. Aproximaram-se da mesa eucarística cerca de trinta e cinco mil peregrinos. Foi tão grande e tão inesperada a afluência de comungantes que se tornou necessário mandar buscar de automóvel 2.000 partículas a Leiria.

As 9 horas, o Senhor Bispo do Algarve celebrou Missa na Basílica por intenção dos filiados da Mocidade Portuguesa da sua diocese, em particular, e de todo o país, em geral.

A Missa dos doentes

Próximo das 11 horas, os doentes, em número de oitocentos, começaram a sair do Hospital.

Na sua maioria, eram transportados em macas, camas volantes, carrinhos de mãos, e outros meios de condução apropriados à natureza dos seus males e à gravidade maior ou menor do seu estado. Assitiam-lhes desveladamente trinta e cinco médicos sob a direcção do sr. dr. José Pereira Gens.

É quasi meio-dia. Em frente da escadaria do Rosário, está patente a confrangedora e comovedora exposição de todas as misérias físicas de que enfêrma a pobre humanidade decaída pelo pecado original. Vêm-se ali, naquele cenário estranho e único no mundo depois de Lourdes, cegos, surdos, mudos, tuberculosos e cancerosos, paralíticos, rostos emaciados pelo sofrimento, corpos mirrados e consumidos pela doença, verdadeiros farrapos humanos... E todos esses enfermos, torturados pela dor, mas santamente resignados à vontade de Deus, aguardam com ansiedade a passagem de Jesus-Hóstia, para receberem, com o conforto espiritual da bênção eucarística, a cura ou pelo menos o alívio da sua cruz.

A torre da Basílica anuncia com as dozes badaladas que soam grave e compassadamente a hora do meio-dia oficial. Surgem nas alturas dois aviões que vieram prestar homenagem à Rainha do Céu. A procissão está já organizada e põe-se em movimento. O andor da Virgem, coberto de flores, sai da capela das aparições e é conduzido até ao cimo da escadaria do Rosário por Servitas, estudantes universitários

e filiados da Mocidade Portuguesa. Vão à frente os estandartes da Juventude Universitária Católica e Juventude Católica Agrária, seguindo-se-lhes os das Noelistas, Juventude Católica Feminina.

A multidão de fiéis, através da qual desliza o maravilhoso cortejo, a que ela faz como que a guarda de honra, ajoelha quando a Imagem da Virgem majestosa e bela passa diante dos seus olhos que se marejam de lágrimas de comoção.

Rendem-se fervorosas acções de graças e implora-se misericórdia. De vez em quando, por toda a colina bendita, ergue-se um «Avê! Avê! Avê, Maria!», em cântico triunfal, que se eleva para o alto e se repercute por toda a extensão da montanha sagrada.

O cortejo já se aproxima da igreja. A frente marcham as fileiras da Juventude Católica Feminina com as suas blusas azuis. Seguem-se estandartes, bandeiras e pendões de Irmandades e Confrarias. Logo depois o brilhante cortejo dos Arcebispos e Bispos de Portugal e do alto representante do Episcopado da nação vizinha. Num frémito de entusiasmo, milhares de mãos agitam freneticamente lenços brancos saudando a Virgem cujo vulto emerge de um canteiro formosíssimo de fôlhas e flores. Nesse momento único, inolvidável, o sol brilha em pleno zénite, iluminando com os seus áureos esplendores a cena magnífica que se desenrola no coração de Portugal.

O andor chega aos primeiros degraus da escadaria. O Senhor Bispo de Tuy e os seus compatriotas rodeiam a Imagem da Virgem. O andor é transportado para junto do altar entre preces, cânticos e aclamações delirantes.

A multidão reza o Credo em côro. Entretanto o Senhor Bispo de Tuy paramenta-se e sobe ao altar. Começa o santo sacrificio. Um sacerdote, junto do microfone, explica pelos alto-falantes aos peregrinos o sentido do Evangelho do dia, lembrando-lhes que se está no Domingo dentro da oitava da festa da Ascensão do Senhor.

A parte musical é executada pela «Schola cantorum» do Seminário de Leiria, dirigida pelo rev.º Cônego dr. João Pereira Venâncio, professor no Seminário de Leiria.

Alocução do Senhor Arcebispo de Lourenço Marques

Ao Evangelho sobe ao púlpito o Senhor D. Teodósio, Arcebispo de Lourenço Marques, cujo aniversário natalício (56 anos) passava nesse mesmo dia.

Começa por dizer, no meio de um silêncio religioso, que a sua alma louva o Senhor em face daquela assombrosa manifestação de fé em Deus e de devoção à Santíssima Virgem.

Enumera em seguida as graças e prodígios da Rainha do Céu e, entre eles o maior — a paz de Portugal que todos vieram ali agradecer.

Depois traduz o seu vivo e profundo reconhecimento pelos grandes e inúmeros favores que ela tem

dispensado à sua arquidiocese. Referiu que a primeira igreja erigida em Nampula, mercê da devoção de uma família portuguesa, foi consagrada, a pedido dela, a Nossa Senhora da Fátima. Esse templo serve hoje de catedral da nova diocese.

Recordou a grandiosa procissão que assinalou em Lourenço Marques as bodas de prata das aparições da Fátima, cortejo imponente que precedeu outro ainda maior — a procissão de 15 de Agosto do ano passado, quando da inauguração da catedral daquela cidade capital da província, presidida pelo Em.º Cardeal Patriarca de Lisboa, como Legado Pontifício, com a assistência de treze Bispos portugueses e da África do Sul.

Depois de acentuar que Portugal foi sempre o cruzado da fé em terras de infiéis e que a crença tradicional dos portugueses, que Nossa Senhora veio despertar da sua letargia, deve estender-se a todo o império ultramarino, exclamou invocando a celeste Padroeira:

«Nossa Senhora da Fátima, suscitai numerosas e sólidas vocações missionárias!»

E, voltando-se para os doentes: «Apele para os nossos queridos doentes: que todos unam as suas orações, para que o meu voto seja cumprido!»

Continua a Santa Missa.

A procissão do «Adeus à Virgem»

Concluído o augusto sacrificio, é exposto o Santíssimo Sacramento, cantando em seguida um sole-ne «Te-Deum» em acção de graças o Senhor Bispo de Tuy pelo término da guerra na Europa.

Depois os Senhores Arcebispo de Évora e Bispo de Tuy desceram a escadaria do Rosário, levando cada um deles a sagrada Custódia, e deram a bênção individual aos doentes, um aos da ala direita e o outro aos da ala esquerda.

Ao mesmo tempo o rev.º Vigário Geral da Diocese de Leiria faz as invocações do costume a que respondem os doentes e todos os peregrinos com veemência e fervor indescrevíveis, fazendo violência ao Céu.

Espectáculo grandioso e comovedor que fazia assomar as lágrimas a muitos olhos.

Cantado o *Tantum Ergo* e dada a bênção geral, os venerandos Prelados concederam em conjunto a todo o povo a sua bênção episcopal.

Organizada a procissão final, o andor de Nossa Senhora recolhe à capela das aparições, entre preces e cânticos, acenando os fiéis com os lenços num comovido «Adeus à Virgem».

Ouvem-se as solenes aclamações polifónicas, a quatro vozes, ao Sumo Pontífice, à Santíssima Virgem, à Igreja Católica, ao Senhor Bispo de Leiria e ao Episcopado Português.

Os peregrinos despedem-se da Gloriosa Virgem aparecida, agradecendo-lhe as graças recebidas e suplicando-lhe a sua maternal protecção, com a alma cheia de suas impressões e o coração invadido por uma saudade imensa daquelle dia inolvidável e daqueles lugares santificados pela presença da Mãe de Deus e assinalados por tantas maravilhas divinas.

VISCONDE DE MONTELO

Palavras de um Médico

Acêrea d'este livro do nosso illustre colaborador Sr. Dr. J. A. Pires de Lima publicou o *Jornal do Médico* no seu n.º 119 — Pág. 694 a seguinte apreciação crítica.

PALAVRAS DE UM MÉDICO — Prof. Dr. J. A. Pires de Lima. II série. 179 págs. 1-45 — 19x13 cm. Edição do Santuário da Fátima Cova da Iria.

Sub-intitulado «Noções de higiene do corpo e da alma», Mestre Pires de Lima reuniu num volume a segunda série de 50 artigos que publicou na «Voz da Fátima» e agora dedica ao Senhor Bispo de Leiria.

Uma vez mais, a beleza da linguagem, a facilidade de expressão, formam a principal característica das qualidades literárias do A.

Depois, o que mais nos prende é o perfeito comportamento do A. perante a natureza do jornal e do público leitor. A «Voz da Fátima» é um periódico de larguíssima expansão, que por esse Portugal é lido em toda a casa cristã, na quietude de lar provinciano, lê-se com carinho ou simplesmente para matar o tempo, mas sempre se espera como se fosse um amigo que periodicamente nos visita, nos traz consolos e que se para alguns não é dos mais queridos, é pelo menos dos desejados. Lê-se, é o que importa, e quem o lê é gente de vária cultura e entendimento. Há que escrevê-lo para todos, tendo presente que é necessário preencher vários fins:

1.º — Fazer-se compreender pelos mais humildes e rudes de conhecimentos.

2.º — Recordar aos restantes o que nunca é por demais repetir e ensinar a muitos que se julgam sábios o que nunca souberam.

3.º — Ensinar aos que tudo sabem aquilo que não devem esquecer.

4.º — A todos prender pela amabilidade da exposição e pela autoridade do conselho.

Em resumo, «palavras de um médico» para toda a gente. E aqui que está o difícil e o Professor Pires de Lima conseguiu a saciedade.

Ensina com um conhecimento do que é necessário dizer, do que é útil mostrar, sem outra preocupação senão a de Servir. Sai da cátedra, tira as vestes doutorais para dar conselhos médicos singelos, sem ostentações de ciência, sem qualquer vaidade. Por vezes, quasi a pedir um Pai Nosso para as tormentas da sua alma.

Lêem-se as 177 págs. da obra com grande recreio do espírito e muito proveito; por isso as recomendamos, se o nome do Autor não bastasse...

WALDEMAR PACHECO

ATENÇÃO

Meias e peugas ao desbarato!

Meias algodão, bom reforço, 3520 e	2850
e meias algodão fortes 2880 e	2820
Meias escocia, popular 6880 e	4880
Meias escocia, forte 8550 e	1800
Peugas fantasia 3550 e	4800
Meias seda fina saldo 10800 e	8500
Meias seda fina, grande duração, 12850 e	11850
Meias seda, tipo vidro natural, reforçadas, grande moda, 24850 e	22550

IMPÉRIO DAS MEIAS

A primeira casa do país em meias e peugas

Avenida Almirante Reis, 173 B LISBOA

PROVINCIA E ILHAS, enviamos tudo contra reembolso.

Manual do Peregrino de Fátima

Acaba de sair em primorosa apresentação da Gráfica de Leiria a 6.ª edição deste livrinho indispensável a todos os peregrinos e secções da Acção Católica. 256 páginas em papel bíblia — 6\$50 — GRÁFICA — LEIRIA.

11-15 de Julho PORTO II Congresso Nacional do Apostolado da Oração

Com a assistência do Em.º Cardeal Patriarca e demais Venerandos Prelados Portugueses. Sessões de estudo para o Clero, Homens e Senhoras. Todos os dias comunhões gerais e Hora Santa. Solene Pontifical na Sé, e consagração ao S. Coração de Jesus no dia 13. Dia Nacional das Cruzadas Eucarísticas, no dia 12. Consagração ao Imaculado Coração de Maria.

TIRAGEM DA VOZ DA FATIMA

Table with columns for location and amount. Locations include Algarve, Angra, Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Coimbra, Évora, Funchal, Guarda, Lamego, Leiria, Lisboa, Portolegre, Porto, Vila Real, Visu, Estrangeiro, Diversos.

LIVROS OFERECIDOS A "VOZ DA FATIMA"

A Mensagem da Fátima (novo mês de Maria) por Silvino Júnior, Casa de S. José, Braga. "Fogo Maldito" (poema) de Jerónimo de Almeida, Livraria Latina edit., Porto. Agradecemos os exemplares enviados.



SALDOS POPULARES!!

Interessam a todos! Lindas Sêdas e Tecidos Finos. Saldos de Meias e Peúgas

Table listing various items like Bonitas sêdas estampadas, Suras padrão moderno, Sêdas fantasia, etc., with prices.

PRINCESA DAS MEIAS

Rua do Crucifixo, 75, 1.ª Lisboa (Próximo da Igreja N.ª S.ª da Vitória) Lenços Crepe c/N.ª S.ª Fátima 4850 Meias gase, 2.ª finíssimas 9850 Sêda gase, muito finas 12850 Sêda natural, bom artigo 15800 Peúgas alz. fantasia, saldo 5850 Pano mesa, tipo g. Alcobaca 27850 Colcha sêda adamascada c. 125800 Loncinha p.ª senhora: 1835 e 1820 Província a Ilhas, enviámos Amos-tras. Gratia e tudo a contra-reembol-ço!!!

Acabou a guerra

Para quando está à espera de colocar na sua sala um lindo quadro de Nossa Senhora da Fátima? A Gráfica — Leiria tem à venda lindas estampas de 60x40 e mais pequenas desde 1500 a 5500 em cartolina e em papel.

Medalhas Religiosas

O Brasileiro

— Guarde-o Deus, Senhor!... — Boas tardes!... Um sorriso amargo acompanhava a saudação do Brasileiro que, apesar da primavera ainda não ter aparecido senão no calendário, teimava em exibir o seu fato branco e em tocar de chapéu de palha a sua já grisalha cabeleira. Dir-se-ia que todos lhe tinham esquecido o nome; que era estrangeiro na sua própria terra, essa terra a que ele tanto tinha ambicionado voltar rico.

Afinal para quê? Bem certo é que a riqueza não significa felicidade... A entrada do belo jardim em torno da sua opulenta moradia, o Brasileiro quedava-se tristonho, considerando a sua vida — os sonhos do passado, a realidade do presente, a negrura com que o futuro se lhe antojava. Uma impressão de vazio, de desoladora solidão oprimia-lhe o peito, afogava-lhe a alma. Não tinha feito — como outros que se haviam também expatriado em busca de fortuna — para se tornar popular entre os seus conterrâneos pagando «decilítros» e contando historietas mais ou menos verdadeiras. Já não tinha família — os pais, os irmãos, os demais parentes — tudo havia desaparecido enquanto ele se matava a trabalhar naquelas terras inhóspitas, naqueles sertões, alguns dos quais se orgulhava de metamorfosear com a sua actividade. Os demais parentes... Não! Não era bem assim.

Alguns, por ali perto, numa casita que ele não sabia localizar, nem até então se preocupara de fazê-lo, vivia uma prima de sua mãe que, por uma questão entre os maridos de ambas, sempre tinha vivido afastada. Constará-lhe que estava viúva, que tinha consigo uns nêtos e que vivia nas maiores dificuldades. Como seria, essa prima?... Como seriam essas crianças? Porque não tinha lhe também constituido família se isso estava no seu programa de regresso à pátria? Naquela hora do entardecer, particularmente triste, o Brasileiro sentiu que os olhos se lhe umedeciam — e que já se não lembrava de quando chorasse...

Nervosamente pôs-se a passear pela alameda principal do jardim. Como a casa, delineara-o e fizera-o executar na esperança de vê-los um dia animados de risos e folguedos infantis. Mas temera-se das raparigas, e, das de mais idade, não achara nenhuma ao seu gosto...

Ali estava, pois, só, ao cuidado de uns velhos caseiros. A casa, quasi toda fechada, tinha, a despeito das trepadeiras em flor que a ornavam, um aspecto frio, melancólico, tumular. O vibrar da sineta do portão despertou o Brasileiro do seu magoado cogitar. Ladraram os cães e dos caseiros que deveriam estar lá para o fim da horta nem sinal de vida.

Em qualquer outra ocasião o homem teria continuado o seu passeio sem se preocupar de quem tocava, mas a solidão estava-lhe a pesar por tal forma que, até com certo alvoroço, se encaminhou para a entrada do jardim. Contra as grades do portão, duas caritas pálidas olhavam entre curiosas e receosas. — Que querem vocês? — interrogou o Brasileiro — O cão não morde?... — aventurou timidamente o mais velhinho dos miúdos. — Não morde porque não chega

cd... Está prós! Mas de noite... quando anda à solta... Cautela! Sorrindo, o Brasileiro, metia a mão no bolso e tirava uma moeda reluzente: — É isto que vocês querem?... Que tal, hein? O mais pequeno estendeu o braco, mas o outro afastou-lho com certa rudeza: — Não, senhor! A gente é muito pobre mas não nos deixam andar a pedir...

Está bem! Não foram vocês que pediram mas sou eu que vos quero dar... Tinha tirado outra moeda e com uma em cada mão, ambas novas e branquinhas, oferecia-as, sempre risonho. As crianças, porém, hesitavam ainda. — Como se chamam? continuou ele. — Eu cá sou Luis António — respondeu o mais velho. — E eu sou Miguel Maria — apressou-se o mais novo.

Eram nomes vulgares mas, assim associados, sobressaltaram o Brasileiro porque, respectivamente, eram os nomes do pai e do avô materno. Ergueu os ombros num gesto de comisseração para com o seu estado de espírito naquela tarde e insistiu: — Tomem lá... são para vocês... Não foram vocês que pediram... Fica combinado! — Mas — objectou ainda Luis António — eu tinha tocado a campainha.

O Brasileiro ficou-o cada vez mais interessado: — Então diga lá o que queres... — So desse licença a gente entra... — Pois sim, venham cá para dentro... Vamos conversar. Meteu de novo as moedas no bolso, abriu o portão e fez entrar os pequenos que enviezavam o olhar para o enorme cão de guarda, acorrentado ao casinhoto. Caminharam alguns passos e, sentado agora num banco com os dois na sua frente, o Brasileiro repetiu: — Vamos então lá a saber o que querem!

— Queríamos vê-lo — respondeu prontamente o Luisito — e dizer-lhe que... toda a gente diz que vocemecê é nosso parente... e que... — E quê?... interrogou o Brasileiro com voz surda e trémula. — E que bem podia fazer caso da gente! — concluiu o Miguel com desembaraço.

O Brasileiro passou a mão pela frente: estava alagada em suor. Um fundo suspiro dilatou-lhe o peito. — E... vossos pais... que dizem? — articulou já caíno. — A gente já não tem pai nem mãe... Era ainda o mais novo que falava. — Só temos uma avó — esclareceu o outro.

O brasileiro pôs-se de pé. Travava-se nele um combate violento... Que ia fazer?... Estava velho, cansado... Mas, de repente, sentia reviver toda a sua energia de outrora. Fôra sempre um homem de resoluções rápidas e estava aí o segredo do seu triunfo. Puxou o mais pequenito para si e declarou com voz que parecia terível se as lágrimas lhe não caísem a quatro e quatro pelo rosto enternecido: — Este já daqui não sai! E voltando-se para o mais velho: — Vai tu dizer a tua avó... vai pedir-lhe... que venha cá falar comigo... para se combinar... para todos nós mudarmos de vida! E assim se fez...

M. de F.

Jacinta

Continua a ser a melhor lembrança de Fátima. Vai no 30.º milhar. Pelo correio 11503 — GRAF. CA — LEIRIA.

GRAÇAS DE N.ª Senhora da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas. De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

Irmã Maria Belarmina dos Anjos, enfermeira no Hospital de Paredes agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça obtida por sua intercessão. Foi como segue: «Tendo chegado a este Hospital Maria Irene Moreira Duarte, gravemente doente, empregaram-se todos os meios para a salvar; apesar disso, o mal aumentava sempre. Depois de uma intervenção cirúrgica a que a pobre doente teve de sujeitar-se, ouvi um dos médicos dizer que o mal era tão grave, que só um milagre a podia salvar. Na noite seguinte fiquei, como era meu dever, a velar a doentinha que estava no maior dos sofrimentos. Como já não havia remédio na ciência humana lembrei-me de Nossa Senhora da Fátima, prometendo mandar publicar o milagre caso se desse. No dia seguinte, com grande admiração dos médicos, a doente estava livre de perigo; no fim de poucos dias saiu do Hospital, e hoje encontra-se completamente curada. D. Maria Amélia Leite, S. Jorge de Selho, tendo o seu filho José Carlos Leite Ferreira gravemente enfer-

mo atribue a sua cura radical a Nossa Senhora da Fátima. Atesta-o também a declaração do Rev. Pároco.

D. Rosa Afonso, Lára, Monção, diz que, tendo adoecido sua mãe Matilde Afonso, com uma pneumonia dupla, pela 4.ª vez, o seu estado era tão grave que o próprio clínico perdeu as esperanças de que ela resistisse àquela enfermidade, afirmando que só por milagre se salvaria. Recebeu os últimos sacramentos e, a cada momento, se esperava o desenlace. Então suas filhas prostraram-se de joelhos diante de uma imagem de Nossa Senhora da Fátima a quem fizeram uma novena pedindo a cura por intercessão de Nossa Senhora, do Beato João de Brito e de Santa Teresa do Menino Jesus. Sucedeu que ao terminarem a novena, a doente, foi declarada livre de perigo pelo médico que não encobriu o seu espanto.

Agradecem a Nossa Senhora da Fátima as graças recebidas

- D. Maria A. de Sá Nogueira, Lisboa. Tomaz Maria de Almeida Carzola, Portuzelo. D. Ana Vilas Boas de Castro Barros, V. do Castelo. D. Maria Amélia Carneiro Mascarenhas, M. de Cavaleiros. D. Lidia Martins das Neves, Melres, Gondomar. D. Zélia Gonçalves Duarte Cunha, Alijó. D. Maria de Lourdes Frias, Ceissa. P.ª José Cunha Carvalho, Melo. D. Rosa do Carmo Correia, Lamego. D. Aurora Costa, Vila Viçosa.

Voz da Fátima

Table with columns for item and amount. Items include Transporte, Papel, comp. imp. do n.º 272, Franq. Emb. Transporte do n.º 272, Na Administração, Total.

Donativos desde 20\$00

- D. Rosália M.ª Pina da Câmara, Carregado, 100\$00; P.ª Basílio da Costa Morgado, Coimbra, 50\$00; D. Etelvina V. dos Santos, Tomar, 20\$00; Anónima de Lourosa, Feira, 20\$00; D. Ester Borges Cabral, Nelas 30\$00; Joaquim Outeiro das Neves, Pedroso, 50\$00; D. M.ª Eduarda Teixeira, C. do Campo, 20\$00; D. M.ª de Nazaré Paula, Góis, 50\$00; Joaquim Marinho Cerqueira, C. de Basto, 40\$00; D. Joaquina Martins, New Bedford, 22\$20; D. Guilhermina Martins, ibidem, 66\$60; D. Isabel Vasconcelos, ibidem, 44\$40; D. Irene Raposo, ibidem, 22\$20; D. Maria Dias, ibidem, 88\$80; D. Dorothea da Luz Belo, Caheta, 20\$00; D. M.ª da Glória Mendonça, Flores, 20\$00; D. Vitória Gomes Guerra, Lisboa, 20\$00; D. Maria E. Rocha, Lisboa, 20\$00; Confe-rencia de S. João de Deus, S. Luis do Maranhão, 200\$00; D. M.ª de Lourdes Lourenço, Terra-Chã, 50\$00; José de Almeida Cardoso, Bristol, 110\$00; D. Almerina Alem, Estoril, 20\$00; D. M.ª da Conceição Costa, Algés, 20\$00; D. Conceição Póvoas Moura, Porto, 20\$00; D. Joaquina Tavares Malhado, A. da Mata, 20\$00; Luis Pereira Pedro, Lisboa, 100\$00; D. M.ª dos Santos B. de Sousa, Bermuda, 348\$25; António Baptista, Outeiro de Cabeço, 20\$00; Armando Cordeiro, Porto, 20\$00; D. Felicidade Tavares, Lisboa, 20\$00; Joaquim Curado Polido, Niza, 20\$00; D. Adelaide das Dões Canadã, Santarém, 20\$00; D. M.ª Cristina Barata, Covilhã, 70\$00; D. Virginia Matias Serres Campos, S. Martinho da Cortiça, 50\$00; D. Maria da C. Matias da Eina, ibidem, 30\$00; Manuel Anunes, Polveiros, 50\$00; D. Isilda de Jesus, Lisboa, 50\$00; D. Maria Martins Couto, Gondomar, 50\$00; Ant.ª da Costa Milicia, Molegueira, 20\$00; José Maria Vieira, Vinhal, 20\$00; Joaquim

RETIRO PARA AS SENHORAS SERVITAS

Começa hoje 13 de Junho às 7 horas no Santuário da Fátima e termina no dia 17 às 9 da manhã o costumado retiro anual para as Senhoras Servitas. É para desear que nele tomem parte todas as Servitas que ainda este ano o não fizeram.

Admitem-se outras Senhoras. Para inscrição, escrever ao Rev.º Reitor do Santuário ou à Madre Madalena de Lima e Lemos — COVA DA IRIA

LIQUIDAÇÃO

de toda a existência por motivo de obras

- Peçam tabelas Liquidação Crepes da china estampados desde ... 28\$00 Sêdas lisas, várias, desde ... 145\$00 Sourahs finos desde ... 278\$00 Fazendas de lá desde ... 158\$00 Riscados bonitos, cam'sellos desde ... 55\$00 Algodões estampados desde ... 55\$70 Meias de sêda gase, desde ... 76\$00 Meias algodão desde ... 28\$00 Peúgas algodão desde ... 28\$20 Rouparia para senhora homem e criança almofadadas, lençóis, panos atalhados, meias e sêdas de todas as qualidades. Tudo em liquidação! PROVINCIA E ILHAS, enviámos amostras e tudo pelo correio. A Competidora das meias R. Arco Marquês do Alagrete, 33-1.ª LISBOA

- Conde, Famalicão, 50\$00; D. Inês da Costa P. Pódez, Algés, 20\$00; Francisco Ant.º Fernandes, Soeiro, 20\$00; D. M.ª Barata Amaral, Coimbra, 20\$00; Anónimo de Coruche, 410\$00; D. M.ª Joana Patrício, Coruche, 20\$00; José Maria de Moraes, Vila-Flor, 20\$00; Jorge Varela, Porto, 20\$00; D. Carmen S. Agueda, Lourenço Marques, 100\$00; José Morais Sarmiento, Chaves, 60\$00; Esmolas várias de Lourenço Marques, 309\$70; D. Etelvina da Costa Mourão, Pedrógão T. Novas, 50\$00; D. Emilia Bastos Caldeira, Campo Maior, 100\$00; Anónimo, Arruda dos Vinhos, 20\$00; P.ª Manuel Estêvão Ferreira, Porto, 30\$00.

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª série)

VII

A Crise do Mundo Moderno

Com este título, publicou o jesuíta brasileiro Leonel Franca um livro cuja leitura é impressionante, pela clareza e pelo vigor com que foi escrito. Temos de nos convencer que estamos passando por uma das maiores crises que o mundo tem atravessado.

Qual a origem de tantos males que afetam a humanidade?

Vêm de longe as suas causas, diz Leonel Franca. Na época esplêndida da Renascença, em que Portugal deu lições ao mundo, o orgulho humano separou da obediência ao Papa muitas das nações cristãs e o orgulho humano também separou da obediência a Deus grande número de pensadores. O Século XVI destruiu assim os alicerces da Civilização.

Assim começou a anarquia, que levou grande número de pessoas ao ateísmo.

O livre-pensamento, gerado em grande parte na Inglaterra, no Século XVIII, passou a França, exacerbando-se, originando a grande Revolução. O espírito de Voltaire, o maior inimigo da Igreja, formou-se lendo os impietosos ingleses. A chamada Grande Enciclopédia visava à demolição do Cristianismo.

Essas idéias revolucionárias passaram à Prússia e à Rússia, onde as casas reinantes as receberam benévola e acarinhas pela maçonaria, que também teve a sua origem na Inglaterra.

O ódio a Cristo fez desencadear o Terror. Os filósofos suprimiram Deus e pretenderam fundar nova religião, em que o homem seria adorado. «Nem Deus, nem pátria!» — clamavam os homens da revolução francesa.

E acrescentavam que «era preciso

enforçar o último rei com as tripas do último padre».

A chamada filosofia positiva do Século XIX declarou que nada interessava a origem e o destino do homem.

A filosofia materialista do Século passado suprimiu a moral, levando a humanidade à destruição e à guerra. Do ateísmo nasceu o comunismo.

Em grandes filósofos e em grandes sábios devemos, pois, ver os malfetores que levaram a humanidade ao caos.

Haverá remédio para vencer o cataclismo?

Acreditamos que sim. A Igreja salvou, há dois mil anos, a civilização, que parecia sossobrar com a queda do Império romano.

Há algumas dezenas de anos, tendo sido muito cultivada a filosofia cristã, que se propõe substituir o pensamento nefasto dos filósofos materialistas.

Precisamos de nos voltar outra vez para Deus. Precisamos de obedecer inteiramente aos Seus preceitos.

Precisamos todos os cristãos de regressar à obediência ao Sumo Pontífice de Roma.

Só assim poderemos salvar a civilização que ameaça desaparecer(1).

J. A. Pires de Lima

(1) Este artigo foi escrito há dois meses. Grandes acontecimentos se deram depois. Mantenho, contudo, o que digo: A Paz, a verdadeira paz, só pode voltar com o regresso a Deus.

No meu artigo do número passado na «Voz da Fátima» (linha 28 da 2.ª coluna) deve ler-se grandes feitos e não «grandes festas».

CRÓNICA FINANCEIRA

No verão de 1941 correu em Coimbra que alguém tinha ouvido a emissora de uma grande nação, muito discutida ainda, declarar que se Portugal não fosse invadido dentro de um mês, grande milagre seria de Nossa Senhora da Fátima. Passou o mês, passaram agos, a guerra na Europa acabou e Portugal não foi invadido. O milagre dura, e a nação compreendeu-o. A romagem de 13 de Maio à Fátima foi preito de homenagem e de agradecimento. Lá estivemos também e para esse fim já fomos.

Reconhecer a especial intervenção da Providência na salvação de Portugal das cruzes da invasão e da guerra, não é diminuir os méritos dos nossos Governos, nem da sua acção diplomática. Quando a tempestade ultrapassa os limites da capacidade humana, não há ciência de piloto que possa salvar o pobre baixel que voa ao sabor das ondas e dos ventos. Só Deus lhe pode valer. Será então a ciência do piloto prenda inútil? Não. Se a ciência do piloto é insuficiente para salvar o barco quando a tempestade é demasiado grande, a sua inépcia pode perdê-lo irremediavelmente. Para que Portugal fosse invadido, ou pelo menos para que as suas cidades fossem bombardeadas e reduzidas a pó em breves horas, bastaria um passo em falso dado pela nossa diplomacia, ou mesmo pela nação ou parte dela.

Quando foi da outra guerra, os

manifestações dos amigos da Servia e outras patacoadas não nos fizeram grande mal, porque não havia ainda aviação com as possibilidades que hoje tem. Uma imprudência destas na guerra actual seria bastante para atrair o raio para cima das nossas cabeças. Se por desgraça estivessem no poder os patriotas que por aí andavam a alardear tesuros, legítimos sucessores dos tais «amigos da Servia», Lisboa e Porto estariam a estas horas reduzidas a cacos e nem por isso a guerra teria acabado mais cedo. Esse grande serviço devemos aos homens que nos governaram durante os longos anos da guerra. Não provocaram, nem nos foram meter onde não éramos chamados. Cumpriram honradamente os compromissos tomados pela nação, ajudaram dentro dos limites das nossas forças os fracos e oprimidos, sem alardes nem provocações, e com tal arte o fizeram que tudo salvaram, mesmo a honra.

Perdeu-se dinheiro, é verdade, mas não perdemos vidas, e temos inteiras as nossas cidades, as nossas estradas, os nossos caminhos de ferro e intactos os nossos campos e as nossas culturas. Algumas privações sofremos, e certo, mas que foram elas em comparação com as que sofreram e estão sofrendo ainda as nações taladas pela guerra? Que são e foram as nossas privações comparadas com as que sofreu a Polónia, a Bélgica, a Holanda, a Grécia, a França, e tantas outras nações reduzidas à fome e à miséria pelo terrível conflito? Que foram os nossos sofrimentos comparados com os de Londres, a heróica Londres, e de tantas outras cidades inglesas?

Dêmos graças à Divina Providência por tão alto benefício e de um modo especial à nossa excelsa Protectora, Nossa Senhora da Fátima.

Pacheco de Amorim

Este número foi visado pela Censura

PELO SANTUÁRIO Resultantes Espirituais da Guerra

O forno dos sinos

Está já completo e pronto a servir o forno para a fundição dos sinos.

Benzeu-o Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca no passado dia 10. Assistiram muitos dos Senhores Bispos que nesse dia terminaram os seus exercícios espirituais.

De vários lados vêm chegando pequenas porções de sucata de bronze, cobre, estanho e latão para a fundição dos sinos da Fátima.

Dentre as muitas cartas recebidas destacamos esta:

«Bendita seja a Santa Mãe de Deus, Maria Santíssima!

Sr. Bispo

Querendo ser amiguinha de Nossa Senhora pedi a meu paizinho uns quilos de latão para os sinos da Basílica da Nossa Mãe do Céu, Senhora da Fátima, e, se possível fosse, gostaria que cada sino levasse um quilo do metal que ofereci.

Peço, Sr. Bispo, por caridade, para juntar as suas orações às minhas, implorando à Santíssima Virgem o seu olhar benigno para a alma daquela que foi minha mãezinha na terra e também a graça divina e saúde para mim, meu paizinho e manos.

Humildemente prostrada aos vossos pés, imploro a vossa bênção para esta orfãzinha de 11 anos e 5 dias.

Póvoa de Varzim, 16 de Maio de 1945

Maria Anatilde Gomes Fernandes Serra

Peregrinação da J. U. C. F.

Nos dias 28 e 29 de Abril as raparigas da Juventude Universitária Católica, de Lisboa, Porto e Coimbra, realizaram como nos outros anos a sua peregrinação ao Santuário. Presidiu o Rev. Assistente Geral, dr. Domingos Maurício.

O Sr. Bispo de Leiria aguardava as peregrinações no Santuário e presidiu a uma sessão solene em que falaram várias dirigentes e o assistente Geral. As raparigas visitaram os tumulos da Jacinta e Francisco, no cemitério da Fátima, efectuaram a procissão das velas, adoração nocturna e procissão com a imagem de N.ª Senhora.

As Filhas de Maria do Corpo Santo

De Lisboa, fizeram também como é já costume a sua peregrinação, no dia 1 de Maio, dirigida pelo rev. P.º Domingos Clarkson. O programa seguido foi o costume nas várias peregrinações: missa cantada, procissão com a imagem de N.ª Senhora e bênção dos doentes.

Retiro dos Senhores Bispos

No dia 2 de Maio principiou o retiro espiritual do Venerando Episcopado Português que terminou no dia 9. Estiveram presentes 17 prelados com o Em.º Cardeal Patriarca à frente. Esteve também o Ex.º Sr. Arcebispo de Lourenço Marques, as pregações foram feitas pelo rev.º Sr. Cónego José Gracias, Pároco da Igreja de N.ª S.ª da Fátima, de Lisboa.

L. O. C. e J. O. C.

Realizou-se no dia 6 de baixo da protecção de Nossa Senhora, o I Congresso de Dirigentes da JOC e LOC, comemorando o X aniversário da fundação do Jocismo e Locismo em Portugal. De Lisboa, Porto, Coimbra, Aveiro, Braga, Leiria e quasi todas as dioceses, vieram 200 filiados. Estiveram presentes as direcções Gerais da JOC e LOC, o assistente Nacional da J. C. Frei Diogo Crespo, os Assistentes Dr. Manuel Rocha, Dr. Abel Varzim e o Presidente Nacional da A. C. Engenheiro João Carlos Alves. De manhã foram lidos os relatórios das direcções Gerais e à tarde realizou-se uma sessão solene presidida

A guerra, que, felizmente, acabou na Europa, foi certamente a maior de todos os tempos em extensão e intensidade e parece também que outra não terá havido tão bárbara e cruel, pois teve ao seu serviço os ódios e paixões, que sempre acompanham a pobre natureza humana, e, ainda a mais, os processos técnicos da maior civilização conhecida.

Havendo-se ela desenvolvido por condições da responsabilidade dos homens, Deus conduziu-a como instrumento de subordinação à ordem moral que nos trouxe à vida. E agradável é verificar nesta altura, a caminho da paz, que o mundo, que se vinha esquecendo do que devia a bem dessa ordem, se volta agora, pelo acate das desgraças que sentiu, a dar graças, de um fervor excepcional, à Providência Divina.

Especialmente impressionante, com este significado foi a atitude do Parlamento inglês. Ao receber a comunicação do armistício na Europa, dirigiu-se logo, colectivamente, à igreja catedral de Londres para se ajoelhar reverente e agradecido pelo termo da Guerra.

E a América do Norte? Essa, pelo seu Chefe Supremo, determinou que todos os cidadãos, num mesmo dia especialmente reservado, acompanhassem a oração nacional ao Altíssimo, pelo benefício da paz.

O actual Presidente da República Francesa, ao entrar na capital do seu País, já libertada,

O Episcopado Português e as EDIÇÕES JUVENTUDE

Braga, 15-4-944

Hm.º e Rev.º Senhor Dr. José Galamba de Oliveira

Recebemos os três elegantes volumes da coleção das Edições Juventude, que V. Rev.ª teve a rosante bondade de nos oferecer e que sumamente penhorado vimos agradecer.

As formosas publicações são de uma flagrante actualidade e versam por forma brilhante e clara candentes problemas, cuja solução exacta e precisa interessa a toda a gente e não pode ser ignorada da Juventude culta do nosso tempo.

Com a sua salutar iniciativa, as Edições Juventude estão prestando um serviço de largo alcance à geração dos nossos dias, tão experimentada por doutrinas perturbadoras de toda a ordem.

Abençoamos efusivamente os graciosos opúsculos, que vivamente recomendamos aos nossos diocesanos, e saudamos os seus Autores e Editores, augurando ao simpático empreendimento assegurado êxito.

De V. Rev.ª

† ANTÓNIO Arcebispo Primaz

Peça a GRÁFICA — LEIRIA todos os volumes das EDIÇÕES JUVENTUDE. O último é para Senhoras e raparigas.

pelo Em.º Cardeal Patriarca de Lisboa.

Falaram vários dirigentes e assistentes e por fim o Sr. Cardeal deu a bênção a todos e à noite retiraram para as suas terras, depois da Consagração a Nossa Senhora e do jantar de confraternização.

sentiu que, antes de mais nada, lhe cumpria dar acção de graças a Deus, e o seu primeiro cuidado foi seguir com a sua comitiva, num movimento decidido que parecia quasi de éxtase, para a igreja de *Notre Dame*, af ajoelhando recolhidamente em nome da França.

E que diremos do nosso Portugal?

— Sempre fiel às suas tradições de fé religiosa e de amor pátrio, fêz-se representar por elementos de todas as classes sociais e de todos os serviços do Estado, acorrendo, pressurosamente e com raro entusiasmo, no dia 13 de maio, à Fátima, onde o esperava já em oração o venerando Episcopado Português; e diante da miraculosa imagem de Nossa Senhora, a Padroeira de Portugal, prostrou-se, fervente de piedade, a afirmar a sua gratidão pelas graças da paz profusamente recebidas.

Diz-se que os que assim foram em santa cruzada andariam por cerca de 200.000; mas a verdade de toda é que a maioria da população portuguesa estava, nesse dia e à mesma hora, com o coração atento e solidário ao que se passava na Fátima, repetindo as preces e escutando os cânticos que ali saíam das almas enlevadas de luz celeste.

De assinalar são, com efeito, estas extraordinárias resultantes da guerra.

Outras, porém, lhes crescem. A guerra, que terminou na Europa, teve a dirigi-la homens de mais alta envergadura intelectual e de notabilíssima acção. Conheceram as maiores sensações da glória sobre a terra.

Mas, afinal, de que serviu a muitos deles a sua glória? Alguns acabaram numa morte miseranda, seguida de impropérios e insultos que só lembrá-los nos faz estremecer de horror; outros tornaram-se foragidos, sem encontrar sequer uma pedra onde possam descansar a cabeça confiadamente.

Além dos que deste modo desapareceram, quantos outros, porventura todos, andariam na guerra sonhando a glória!

E, todavia, a mesma rasoira es fez descer à terra, aos milhares e até aos milhões.

A história poderá falar de um ou doutro com desusada ressonância; mas a história não dá mais do que nomes; e os nomes, para os que se foram e sobre a terra, são menos que fumo; são meras abstrações de pessoas e de factos que deixaram de ver-se!

Grande resultante da guerra é, portanto, também esta: a de uma eloquente demonstração prática de que só há uma glória que eternamente subsiste; e essa, com a certeza da fé (porque o próprio Deus a revelou para todos os homens), conquista-se pelo equilíbrio da vontade e da acção pessoal de cada um dentro de uma ordem superior que a moral cristã seguramente condiciona.

A. LINO NETTO

Todos os pais e educadores devem ler o

«Grande Problema»
(Estudos sobre educação)
do
Prof. J. Francisco Rodrigues
Preço: 12\$50
Livro único no género.
Aplausos vibrantes da crítica.